

# EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO OU O SILÊNCIO COMO BARBÁRIE

## EDUCATION IN PANDEMIC TIMES: POSSIBILITY OF FORMATION OR SILENCE AS BARBARISM

Cleudes Maria Rosa Tavares 1  
Rômulo Fabriciano Gonzaga Pinto 2

**Resumo:** Este artigo busca refletir sobre a concepção de educação e de formação na sociedade contemporânea a partir do referencial teórico de autores da Escola de Frankfurt, em especial Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973). Pretende compreender a ideia de autonomia do sujeito, em uma perspectiva kantiana de “maioridade intelectual”, contraposta aos aspectos econômicos e sociais advindos dos mecanismos ideológicos de dominação do capitalismo. A constituição desse sujeito, na lógica da razão instrumental, representada pela indústria cultural, se utiliza de instrumentos ideológicos capazes de destituir ou enfraquecer o indivíduo, bem como possibilita impedi-lo de realizar experiências formativas e de decidir autonomamente em relação às escolhas nessa sociedade. E, ademais, desconsidera as condições objetivas e subjetivas que orientam a ação humana no movimento sócio histórico. Nesse contexto, ao mistificar as ações e permitir a admissão e a expansão da racionalidade instrumental, há ofuscação do que seja formação para autonomia, conduzindo, assim, à (de)formação. E, em tempos da pandemia de Covid-19, resta prejudicada, cada vez mais, a formação humana.

**Palavras-chave:** Educação. Teoria Crítica. Formação humana. Pandemia de Covid-19. Adoecimento psicossocial.

**Abstract:** This article seeks to reflect on the conception of education and training in contemporary society from the theoretical framework of authors of the Frankfurt School, especially Theodor Adorno (1903-1969) and Max Horkheimer (1895-1973). It intends to understand the idea of the subject's autonomy, in a Kantian perspective of “intellectual maturity”, opposed to the economic and social aspects arising from the ideological mechanisms of capitalism's domination. The constitution of this subject, in the logic of instrumental reason, represented by the cultural industry, uses ideological instruments capable of dismissing or weakening the individual, as well as preventing him from carrying out formative experiences and autonomously deciding on choices in this society. And, furthermore, it disregards the objective and subjective conditions that guide human action in the socio historical movement. In this context, by mystifying actions and allowing the admission and expansion of instrumental rationality, there is an obfuscation of what formation for autonomy is, thus leading to (de)formation. And, in times of the Covid-19 pandemic, training is increasingly damaged.

**Keywords:** Education. Critical Theory. Formation. Pandemic. Illness.

1 Pós-doutoranda em Direitos Humanos (UFG), Doutora em Educação (UFG), Mestra em Sociologia (UFG), especialista em Direito Civil (UNIANhanguera), Graduada em Ciências Sociais (UFG) e Direito (PUC-GOIÁS), Advogada (OAB-GO 42.550), Coordenadora de Sociologia (PUC-GOIÁS), Pesquisadora (PUC-GOIÁS, UFG e UFSCar), Presidente da Comissão de Direitos Humanos (OAB-GO/ Subseção Nerópolis-GO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5957242989246947>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2364-6117>. E-mail: [cleudestavares@gmail.com](mailto:cleudestavares@gmail.com)

2 Pós-doutor em Educação (UFG), Doutor em Educação (UFG), Mestre em Educação (UFG), Especialista em Políticas Públicas (UFG), Educação Física (UEG-ESEFFEGO), Gestão Ambiental (IFG), Pesquisador NEVIDA-FE (UFG), Professor de Educação Física P IV (CAP-CEBRAV) e Professor de Educação Física (CAPS i Girassol). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1840632880677132>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4928-0106>. E-mail: [romulofgp70@gmail.com](mailto:romulofgp70@gmail.com)

Os autores da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt<sup>1</sup>, em especial Adorno e Horkheimer (1985), refletiram sobre a formação humana quanto à constituição da autonomia, advertindo que a menoridade impõe ao indivíduo a submissão às ordenações do mundo administrado. A menoridade impede a compreensão do outro, seja como semelhante, seja quanto a seu contexto social. Nesse percurso, se este outro for diferente e desigual, é considerado menor e heterônomo, gerando, por esse entendimento, a intolerância, a violência e a agressividade, que podem levar à barbárie.

Sobre o objeto aqui em estudo, tem se estabelecido uma polifonia de discursos, tanto na dimensão político-ideológica quanto na econômica e científica, que acirram a barbárie a partir de concepções distintas acerca do fenômeno da pandemia de Covid-19<sup>2</sup>; e ainda um diálogo de surdos em múltiplas disputas diante do que fazer e não fazer nesse momento. Além disso, tal disputa, no que tange às correntes sociais que buscam se aproveitar da pandemia, tem reforçado, como nunca antes em nossa história, o eclipse da razão<sup>3</sup> a partir de fundamentos próprios da razão subjetiva, que aprofunda o fenômeno do individualismo oriundo do capitalismo tardio (HORKHEIMER, 2002).

O que tem prevalecido neste diálogo de surdos é uma sujeição praticamente absoluta da sociedade aos ditames da razão subjetiva (oriunda da ideologia da classe dominante) sobre a razão objetiva (oriunda dos fins últimos e emancipatórios da humanidade), a qual a própria burguesia é também submetida (HORKHEIMER, 2002).

Não se trata, evidentemente, de um processo mecânico e linear da razão subjetiva se sobrepondo à razão objetiva, conforme definição de ambas em Horkheimer (2002). Tampouco se trata de uma concepção idealista, em contraposição aos avanços trazidos para a compreensão do real oriundo da dialética materialista histórica marxiana-engelsiana. Diante do embate entre a razão subjetiva com a razão objetiva, comparece a tensão sujeito e objeto, particular e universal, que aponta para uma verdadeira dialética do real apesar da cristalização de uma relação de difícil superação, mas existente diante das contradições e das possibilidades de superação em uma historicidade futura. Além de tal processo de dominação que resulta dessa relação no campo da ideologia e de outros mecanismos culturais de dominação, nem a própria burguesia escapa dos liames da dominação por ela mesma difundida.

O CAPS i Girassol<sup>4</sup> é o local onde o pesquisador deste artigo trabalha há mais de dois anos. Dentro desse modelo de atenção psicossocial, muito se tem observado o aumento da demanda por tratamento decorrente das angústias e sofrimento próprios do momento histórico pelo qual passa a humanidade. A (des)humanização – e toda tensão daí oriunda – tem comparecido como sintoma de um processo psicossocial que desvela a norma da razão instrumental como explicitação do adoecimento ao qual a sociedade está submetida sob a lógica do capitalismo tardio.

Diante dessa reflexão, de acordo com Adorno (1995b, p. 208), “o conceito de moral reclama autonomia, mas os que têm sempre a palavra moral na boca não toleram autonomia”. A ideia de autonomia e moral vem da concepção kantiana, em que os frankfurtianos discutem autonomia da qual advém a maioridade, o esclarecimento à luz da razão, tão almejado pelos sujeitos que a anseiam. Assim, compreende-se esse conceito de autonomia (*Aufklärung*), em Kant, como

1 A Escola de Frankfurt foi criada em 1923. A princípio, denominou-se Instituto de Investigação Social e, posteriormente, Escola de Frankfurt. Os principais membros desse Institut foram T. Adorno, M. Horkheimer, H. Marcuse e W. Benjamin, considerados intelectuais de esquerda do século XX (JAY, 2008).

2 A COVID-19 trata-se de uma doença que pode ser grave em 20% (vinte por cento) dos casos e até levar a óbito os sujeitos que são contaminados e desenvolvem a doença nesta faixa percentual, ocorrendo uma síndrome respiratória aguda grave. O vocábulo Covid-19 é oriundo da junção de corona (co), vírus (vi), doença (d) e 2019 (19), ano em que foi descoberta a doença. Tal nomeação da doença tem a ver com os cuidados da Comunidade Científica Mundial em não associar a doença aos animais ou outros agentes causadores/vetores dela. A última pandemia de H1N1, que teve seu nome inicial propagado como gripe suína, levou ao abate de porcos em massa em muitos lugares do mundo. A Covid-19 é uma doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 da família coronavírus.

3 Categoria cunhada por Horkheimer (2002), e fenômeno vinculado ao da razão instrumental ou racionalidade técnica na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, a partir do aprofundamento e manutenção do modo de produção capitalista na lógica do capitalismo tardio e das ordenações do mundo administrado.

4 Unidade de Saúde da Prefeitura Municipal de Goiânia vinculada à Secretaria Municipal de Saúde.

A saída do homem de sua menoridade, da qual ele é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* (KANT, 2008, p. 63).

Na obra *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) discutem a ideia de autonomia a partir da concepção kantiana. E elaboram o conceito de esclarecimento “como um processo de emancipação intelectual resultando, de um lado, da superação da ignorância e da preguiça de pensar por conta própria e, de outro lado, da crítica das prevenções inculcadas nos intelectualmente menores por seus maiores” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 7). A autonomia, nessa compreensão, remete ao esclarecimento, direção para a compreensão de processos sociais nos quais o autoritarismo, de modo coercitivo, violento e simbólico, manifesto por meio do preconceito, pode levar à barbárie, à indiferença e à desumanização dos indivíduos.<sup>5</sup>

A Teoria Crítica, fundamentada na Psicanálise, efetua a abordagem da subjetividade. Nessa, o instinto e a agressividade são inerentes à constituição humana; e, historicamente, a civilização e a barbárie, seja pela motivação subjetiva, seja também pela objetiva, são enfrentadas pela Teoria Crítica em suas ambiguidades e indiferenciações para a compreensão da relação sujeito e objeto, particular e universal. Os autores frankfurtianos demonstram a contribuição dos estudos de Freud na compreensão das condições geradoras da regressão, que se refere à pressão civilizatória imposta aos indivíduos. Esses, ao terem de se submeter à pressão civilizatória, adoecem e desesperam. A pressão assoma a identificação ao diverso, à diferenciação que concilia, repressivamente, um e outro, que são diferentes. É o princípio da negação do outro, a ser aceito em nome da cultura.

A relação de como é feita “a regulação dos assuntos humanos” (FREUD, 2011) deve ser conscientizada pelo indivíduo, pois são supostos iguais que, mesmo diferentes, devem conviver para evitar as consequências da barbárie e do adoecimento. Isso porque eventos nefastos podem expressar a tendência social imperativa presente no mundo administrado: a frieza, a indiferença e, com elas, a possibilidade da existência de genocídios, sendo que o abandono é, aqui, considerado genocídio em tempos de pandemia de Covid-19. Essa análise alude às discussões sobre as técnicas totalitárias da tomada e conservação do poder ao longo do processo histórico. Destarte, as manifestações da barbárie são fenômenos repetidos na busca ou recondução da dominação.

Para Adorno (1995b), inexistente um sujeito revolucionário coletivo centrado na organização de trabalhadores e que possibilitaria a transformação da sociedade mediante uma práxis teoricamente orientada. Esta é a virada da Teoria Crítica adorniana: nela, a teoria é a última manifestação da práxis que é realizada pelo indivíduo. E, para que a barbárie não se repita, Adorno (1995a) reporta-se à luta pela não repetição de Auschwitz, destacando ser preciso considerar o contributo da Educação e da Sociologia Política.

Ao pensar Auschwitz, pensa-se a barbárie, a violência explícita. Avança-se e pensa-se a infecção mundial pela Covid-19 e a correlata pouca consciência, enquanto pensamento não reflexivo, determinada pela lógica racional burguesa presente na sociedade administrada; e, ainda por ela, na perspectiva lógica economicista de otimização de bens escassos: governos omitem a proposição e execução de políticas públicas, de horizontalização, pois o Brasil possui a maior cobertura de saúde pública do mundo; todavia, os investimentos têm sido insuficientes. Ademais, em zonas industriais, por causa da economia, não foi imposto o *lockdown* a tais empresas. E a circulação de trabalhadores em transporte público superlotado aumenta a infecção viral, majorando, sobremaneira, o número

<sup>5</sup> Tal fenômeno é exacerbado pela pandemia de COVID-19, em que não são apresentadas aos indivíduos alternativas para sobreviver neste momento de grande risco pelo qual passa a humanidade. Discursos como “morra trabalhando com COVID-19” ou “morra de fome” têm sido amplamente disseminados aos grupos mais subalternizados, dificultando a construção de alternativas para sua sobrevivência em muitos países e, especialmente, no caso de países que estão submetidos a regimes pseudodemocráticos, e mesmo em outros aberta e historicamente autoritários.

de mortos. Enumerar é barbárie. Deixar pessoas circularem expostas a risco sanitário motivado pela causa econômica é barbárie, tal qual Auschwitz.

A pandemia e a omissão subsumiram-se e perpetuam subsumindo o outro. Desse modo, na pandemia mundial de SARS-COV-2, tornou-se cotidiana a atualização dos dados estatísticos de vítimas fatais e contágio. Enumerar é barbárie, reitera-se, mas também se pondera o duplo silêncio desta enumeração, pois a certidão de óbito não feita a partir do diagnóstico médico confirmado cria gargalo na mensuração das perdas humanas e anuncia desaparecidos civis, sem causa clara. Isso porque o diagnóstico só é confirmado após a emissão do atestado de óbito e o número de vítimas aumenta: nunca tantos problemas cardíacos e pulmonares, acidentes vasculares cerebrais (AVC) causaram tantos óbitos.

A regressão deu e se dá, nesse contexto, e ainda exige compreender as sombrias explicações economicistas que sobrepujam a defesa dos integrantes do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) em detrimento daqueles inscritos no Cadastro de Pessoas Físicas (CPF), que, para além do número, situa uma “vida”. E, tal qual Auschwitz, o silêncio dos mortos ocorreu e ocorre pela não identificação da população com as vítimas, pela indiferença de uns para com os outros. Para Adorno (1995a), essa foi a condição psicológica mais importante em relação a Auschwitz, e, no Brasil, com a Covid-19, presencia-se sua repetição.

A teoria do conhecimento explicou a história como encadeamento de fenômenos que tenderam a sacrificar a felicidade individual às gerações futuras. Adorno e Horkheimer (1985) afirmaram tratar-se de endeusar a história: a ideia de progresso e de história universal constituem a ilusão de que existe uma humanidade idêntica a si, unida, harmônica, assim como há o denominado progresso e as vítimas desse progresso. Pensar a humanidade, o conhecimento e sua constituição histórica implicam considerar que a dominação e a racionalidade instrumental nos levam a *Halbbildung*.

Reconhecer, porém, a presença da dominação do próprio pensamento como natureza não conciliada seria um meio de afrouxar essa necessidade [...]. Ao fazer da necessidade, para todo o sempre, a base e ao depravar o espírito de maneira tipicamente idealista como o ápice, ele se agarrou com excessiva rigidez à herança da filosofia burguesa. Assim, a relação da necessidade com o reino da liberdade permaneceria meramente quantitativa, mecânica, e a natureza – colocada como algo inteiramente alheio e estranho como ocorre na primeira mitologia – tornar-se-ia totalitária e absorveria a liberdade [...]. Com o abandono do pensamento – que, em sua figura coisificada como a matemática, máquina, organização, se vingava dos homens dele esquecidos –, o esclarecimento abdicou de sua própria realização. Ao disciplinar tudo o que é único e individual, ele permitiu que o todo não-compreendido se voltasse, enquanto dominação das coisas, contra o ser e a consciência dos homens. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 45).

Diante da situação explicitada, contrapor-se aos pressupostos objetivos, sociais e políticos, que impossibilitam a autonomia é difícil, pois a menoridade, a heteronomia, a incapacidade de refletir e se contrapor ao dado do mundo administrado tornam-se um desafio no campo epistemológico da ética. Na perspectiva atual, é possível que não ocorra um processo de formação integral e de cunho emancipador por meio de uma educação para a autonomia e humanização, mas de uma semiformação, pelo caráter pragmático e utilitarista que a constitui de forma hegemônica.

Na perspectiva da racionalidade instrumental, de domínio capitalista, com aparatos tecnológicos, a indústria cultural, de acordo com os frankfurtianos, confere aos produtos e aos indivíduos um “ar de semelhança” e de padronização que tem contribuído com a heteronomia e a semiformação. A lógica dessa racionalidade técnica atual é de “caráter compulsivo da sociedade

alienada de si mesma” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p.114), obstando, em consequência, a autonomia e a emancipação do ser humano.

Nesse aspecto, as intervenções – mediante os mecanismos socioculturais de dominação, os quais foram proporcionados pela escolarização, com conteúdos mínimos, reduzidos à instrumentalidade e disciplinas técnicas para considerar as demandas presentes no mundo administrado –, conduzem à ampliação do “exército de reserva”, sem condições específicas, necessárias ao atendimento do mercado cada vez mais competitivo.

Reflete-se, ainda, no processo de educação escolar, a ponderação efetuada por Adorno quanto ao que seja formação. Tal reflexão acerca da formação exige o entrelaçamento de outros conhecimentos, não só qualificação tecnicista para o mundo do trabalho e suas relações daí derivadas, mas educação para a humanização e autonomia como “poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação” (ADORNO, 1995a, p. 125).

A educação visa à humanização e à consciência, pois, como afirma Adorno (1995a, p. 151), almeja-se “pensar conforme a realidade, o conteúdo – a relação entre a forma e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é”. Assim, é preciso refletir sobre a semiformação e a educação presentes no capitalismo que modificam o modo de ser e agir dos sujeitos. Essas alterações, ao serem constituídas, articulam-se aos interesses econômicos presentes e diluídos na indústria cultural, que defendem subliminarmente a técnica e seus conteúdos hipervalorizados. Portanto, atenta-se para o alerta feito por Adorno de que “não é a técnica o elemento funesto, mas o seu enredamento nas relações sociais, nas quais ela se encontra envolvida” (ADORNO apud COHN, 1986, p. 69).

Segundo Adorno (1995b, p. 98), “a escola é, para o desenvolvimento do indivíduo, quase o protótipo da alienação social”. Daí a necessidade de se compreender o caráter ideológico presente na sociedade capitalista com seus mecanismos de dominação que perpetuam as condições injustas de existência dos sujeitos nesse meio social excludente e de banalização da educação como cultura. Como a sociedade é permeada por discursos vazios de sentido formativo emancipatório, a educação escolar, por sua vez, é positivada via legislação. Todavia, na sua materialização ou substantivação, manifesta-se fragilidade de efetivação dos direitos sociais quando confrontados aos interesses econômicos burgueses, que são excludentes para a classe trabalhadora.

Os princípios burgueses de igualdade e liberdade propuseram a oportunidade de escolarização, presente desde o século XVIII, filosófica e legislativamente, o que foi se tornando realidade, porém, sem alcançar a universalização e a publicizada igualdade formal. Ademais, o que restou legitimado foi a igualdade de oportunidades destinada a uma minoria burguesa, posto serem os indivíduos instados, no plano pessoal, a buscar a satisfação de suas demandas e pleitear o direito de oportunidade de escolarização, culminando no acesso desigual educacional e com reflexos socialmente expostos.

Por isto, rangendo os dentes, elas como que escolhem contra si mesmas aquilo que não é propriamente sua vontade. A constituição da aptidão à experiência consistiria essencialmente na conscientização e, desta forma, na dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas sua aptidão à experiência. Não se trata, portanto, apenas da ausência de formação, mas da hostilidade frente à mesma, do rancor frente àquilo de que são privadas. Este teria que ser dissolvido, conduzindo-se as pessoas àquilo que no íntimo todas desejam (ADORNO, 1995a, p.150).

O projeto (de)formativo presente na escola administrada impõe um padrão orientador para implementação e ensina uniformização de temas que levem a um controle, inclusive, da consciência. Desde que enredado na técnica, na busca do sucesso mercadológico, no mundo do consumo que organiza e direciona até o olhar sobre o outro, o indivíduo, inserido pela lógica racional do mundo administrado, tem até sua subjetividade condicionada. Nesse sentido, o momento nos leva ao questionamento se

[...] desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia. O problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie (ADORNO, 1995a, p. 155).

A questão de Adorno é quanto ao fim da humanidade, considerando o desenvolvimento tecnológico em contraposição ao retrocesso civilizatório com uma “agressividade primitiva”, que tende à destruição dos homens e da natureza em nome do progresso técnico e científico. Tal processo destrutivo deveria conduzir, a partir da reflexão a seu respeito, à elaboração da “educação como de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 1995a, p.141). Por essa consciência, poder-se-ia questionar a própria humanidade, o que se faz por exigências postas e impostas, buscando modos de superação da barbárie, “[...] superando as representações infantis e infantilismos dos mais diferentes tipos” (Ibidem, p.162). Essas representações foram constituídas ao longo do processo histórico por meio da cultura.

Como a cultura é a mediação efetuada pelo indivíduo entre ele e a natureza, é possível distinguir, por meio da cultura criada pelos indivíduos, que esses renunciam a seus instintos – por medo, pavor, pressão psicológica, chantagem emocional, até pelo próprio prazer ou expectativa deste – a favor das atividades expressas socialmente e que podem levá-los a se presumirem sujeitos, sem serem; ou seja, é também pela repressão dos instintos que a cultura se constitui (FREUD, 2010). Portanto, é possível compreender que a menoridade, a impossibilidade de refletir por si, é garantidora da permanência da violência enraizada, e que tal processo, conseqüentemente, impede o indivíduo de reconhecer-se como sujeito. Diante de tal fenômeno, é possível apreender a experiência formativa como “movimento pelo qual a figura realizada seria confrontada com sua própria limitação” (ADORNO, 1995a, p. 25).

Ora, se tal sujeito é incapaz do exercício da reflexão, ele repete o comportamento, condicionado, determinado por instrumentos da indústria cultural que rege o mundo administrado, sendo o sistema de educação formal ou escolar um dos instrumentos da indústria cultural. Nesse sistema educacional, os pilares da dominação se estendem e se repetem por gerações, via programas com orientações de organizações internacionais, em uma lógica de instrumentalização da cultura. Essa repetição se amplia como teia, constelação, podendo engendrar processos de identificação aos quais o indivíduo se acomoda de modo alienante (FREUD, 2010).

Antropologicamente, a memória está ligada às representações simbólicas que ao longo do tempo a humanidade constituiu, no sentido de dar significado à existência e convivência dos grupos humanos e do indivíduo presente e atuante dentro de tais grupos. Quanto à memória, há uma dinamicidade histórica em que caberia “conferir um sentido à história reelaborando a relação do passado ao presente, justamente para apreender o presente como sendo histórico, acessível a uma práxis transformadora” (ADORNO, 1995a, p. 24). Essa representação simbólica ao longo do processo desdobrou-se em um pensamento mítico, no qual as explicações a respeito do que são intolerância e violência, inter-relacionadas, inextricavelmente enleadas, são vistas como convém a um sistema de pensamento que visou homogeneizar o comportamento conforme os moldes do capitalismo.

Na sociedade capitalista, a racionalidade instrumental, de domínio ideológico, rompe com a tradição e a mitologização do mundo, levando o homem moderno a recusar as crenças antigas em proveito dos dados quantitativos e de comprovação científica em um simulacro do conhecimento. Nesse cenário, devem-se compreender os processos de dominação, que, de certo modo, impedem o agir dos sujeitos de modo livre e autônomo, bem como a possibilidade de vislumbrar a razão emancipatória enquanto esclarecimento nessa sociedade.

A essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu. [...] Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a se afastar do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 43).

Pelo mesmo processo de assunção das características do mito, o homem explicou a natureza e a dominou e dominou outros homens. Por certo, se o mundo é difícil de compreender, o pensamento como abstração dos fenômenos manifestos tornou-se empreendimento no sentido de dominar. Desse modo, desde há muito, ele foi buscado por aqueles que se propuseram compreender para explicar e daí se autoexplicar e se autoconhecer. Esse primeiro momento da explicação se deu pela cultura, sendo essa um processo de mediação efetuada pelo indivíduo entre ele próprio e a natureza. Nessa mediação articulada pelo homem diante da natureza e de outros homens, a cultura foi criada. No processo histórico de dominação, o indivíduo, sujeito de sua trajetória, intentou a autonomia para direcionar a sua própria vida em um processo civilizatório. Assim, constituiu conhecimentos a respeito da natureza no sentido de conhecer, compreender e dominar, constituindo, portanto, a cultura.

Em Marx (1976), o homem se humaniza pela mediação do trabalho na busca de satisfação de suas necessidades, que, uma vez satisfeitas, geram outras e constituem a história (MARX, 1976). Ao se pensar a questão da humanização, é preciso recordar que a mediação pelo e no trabalho, no domínio das condições naturais, propiciou as organizações sociais. Em adição, em Marx, o ato de produção da vida não é mera exigência natural e ou física, mas resulta da produção da existência social, ou seja, da elaboração dos indivíduos organizados em grupos e resultante do processo civilizatório alcançado e em processo de reelaboração. Para o autor,

A fome é a fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozinhada, comida com faca e garfo, não é a mesma fome que come a carne crua, servindo-se das mãos, das unhas, dos dentes. Por conseguinte, a produção determina não só o objeto de consumo, mas também o modo de consumo, e não só de forma objetiva, mas também subjetiva. Logo a produção cria o consumidor. (MARX, 1973, p. 220).

Esse processo, no qual o homem adequou o ambiente aos seus interesses e demandas, foi constitutivo e constituinte da cultura. Nele, e com ele, o homem humanizou a si e a natureza, uma vez que, ao controlar a natureza, os homens criam novos objetos que são incorporados ao ambiente e o modificam. Esse conhecimento é transmitido para as futuras gerações, de modo que esse ato é histórico (MARX, 1976). Dessa maneira, a experiência humana objetivada, conforme Marx (1980, p.73), é acumulada e transmitida pela cultura.

A cultura, por consequência, seria um todo que submete os indivíduos a uma adequação, simbólica ou violenta, para a vida em comum. Em *Minima Moralia*, “o todo é o não-verdadeiro” (ADORNO, 1993, p. 42) e a civilização é a frustração dos instintos; nela, o indivíduo assume importância por conter em si esta frustração que abarca uma verdade não exposta sobre ele e a civilização que não o determina. Adorno (1993) afirma que o indivíduo é o particular e, enquanto parte, não pode ser absorvido pelo universal ou civilização. A construção da identidade se deu afastando, desde o princípio da universalidade, o outro, o diferente. E perpetuou a não identidade. Desde o início do processo de dominação da natureza e de outros homens, a dessemelhança foi entendida, reforçada, reproduzida.

Nesse diapasão, educação tem sentido somente como autorreflexão crítica. A teoria crítica aponta que a formação cultural consistiria da experiência de formações entre “a filosofia da vida” entrelaçada a contextos amplos, arte, fatos históricos. Salienta-se que as reflexões dessas relações assim estruturadas não impedirão ou romperão o nexos entre objeto analisado e a reflexão em curso (ADORNO, 2006). A formação cultural há de ser adquirida por esforço e interesse, pela “capacidade de se abrir a elementos do espírito apropriando-as do modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar com os mesmos unicamente para aprender conforme prescreve um clichê” (ADORNO, 2006, p. 64). A educação, enquanto processo, deve se construir em “termos culturais, sociais e humanos” (ZANOLLA, 2002, p.108).

Na sociedade administrada, a prevalência do lucro e das questões objetivas constituiu-se na condução dos indivíduos a intentarem autonomia. No que tange à formação e à educação, ambas só são entendidas e divulgadas pela perspectiva formal ou escolar. O sonho da liberdade,

velho princípio cultural humano, tornou-se o sonho burguês. No capitalismo, a liberdade vem e permanece atrelada ao lucro. Se a educação formal, escolar, for ministrada em instituições, há que prevalecer, não apenas o lucro, mas o incentivo a seus consumidores.

Diante da exposição de aspectos conceituais e filosóficos relacionados com a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e a barbárie, é possível estabelecer múltiplas reflexões sob os mais distintos prismas no tocante à relação entre o atual momento histórico e a pandemia de Covid-19 nos diversos espaços de (de)formação humana.

A pandemia de Covid-19 desvela muitos mecanismos socioculturais de dominação próprios do capitalismo tardio<sup>6</sup>. Nessa direção, é importante dizer que a pandemia de COVID-19 descortinou em muitos aspectos o grande feito do próprio capitalismo, qual seja: da tragédia que é a vida humana centralizada e limitada à produção e ao consumo de mercadorias<sup>7</sup>. A exigência de *lockdown* como uma das estratégias sanitárias de contenção da pandemia repercutiu de distintas maneiras que explicitaram, como nunca antes em nossa história, os interesses eugenistas e o aprofundamento da barbárie diante das necessidades de manutenção das engrenagens da lógica do capital, independentemente de qualquer consequência funesta para a humanidade.

Em países que recentemente elegeram presidentes de extrema direita, o *lockdown* foi posto em cheque com o velho discurso de que, se a economia parasse, mais pessoas ainda morreriam pela insuficiência de produção de riqueza, e que a única alternativa seria enfrentar a pandemia, independentemente dos riscos aos quais poderiam se submeter os indivíduos, ignorando em absoluto qualquer orientação científica a respeito. Discursos como “melhor morrer de Covid-19 que de fome” viralizaram por movimentos reacionários mundo afora, tendo vinculado o limiar da esfera científica ao da esfera política, partidária e ideológica.

De maneira maniqueísta, unidimensional e polarizada, estabeleceu-se que a defesa do *lockdown* era de esquerdistas e que a manutenção das atividades econômicas em seu sentido *lato* teria relação com posições direitistas. A consequência mais funesta que o mundo vive em decorrência dessa disputa de poder é o aprofundamento da barbárie na acepção mais eugenista que se tem notícia na história, quando relacionada aos agravos de uma doença disseminada. O império da polifonia dos discursos do que fazer e não fazer para conter ou ignorar a pandemia explicita uma das máximas de Adorno e Horkheimer (1947, p. 5), em que “[...] a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal.”

Além disso, comparece mundo a fora a exacerbação do fanatismo oriundo de movimentos religiosos que, ao mesmo tempo em que defendem, no caso brasileiro, o porte de arma como medida de segurança e proteção da família, pregam que o uso de máscara para proteção contra a infecção pelo novo coronavírus é desnecessária, pois somente os homens de “pouca fé” serão contaminados e morrerão.

Outro aspecto nunca antes presente em nossa história é o fato de ter ficado tão explícita a falsidade da afirmação de ausência de realização humana no trabalho, fora dele e nas relações humanas, no que se refere especialmente aos núcleos de socialização primária nos distintos ambientes familiares e sua relação com o tempo de trabalho e o tempo livre. Tal dicotomia entre tempo de trabalho e tempo livre é própria da lógica do capital sob a égide da indústria cultural. O trabalho na sociedade capitalista, sob a lógica do mundo administrado, implica a imposição do trabalho como mero recurso para a sobrevivência, distante de qualquer possibilidade de escolha, realização e intencionalidade (ADORNO, 1995, p. 72).

Sob outro prisma, as “famílias felizes” de outrora, imagetivamente situadas nas mais distintas redes sociais<sup>8</sup>, perderam todos os seus atrativos visuais antes tão explicitados na convivência diária, em uma guerra inglória que foi estabelecida. Importante dizer que tal convivência diária apresenta

6 Conceito utilizado por autores da “Teoria Crítica da Escola de Frankfurt”, como Adorno e Horkheimer (1947). A partir desse conceito, existe a compreensão de que a modernidade não foi superada, pois o que ocorre é um aprofundamento e desenvolvimento dos fundamentos oriundos do advento da modernidade.

7 Mercadorias que são fruto do trabalho alienado e, em sua maioria, inúteis para satisfação de necessidades verdadeiramente humanas. Para mais detalhes, ver a reflexão realizada por Marx (1996).

8 Aqui se compreende que as redes sociais são canais de comunicação e de relação social, profundamente colonizadas pela indústria cultural. Embora a ambivalência e a contradição existam no uso consciente e crítico que se pode fazer das redes sociais, elas são, via de regra, lugar do simulacro e do ocultamento das contradições oriundas da lógica do capitalismo tardio.

suas diferenças nas distintas classes sociais existentes. Enquanto nas classes sociais mais abastadas o individualismo comparece mais evidenciado pelo excesso de bens materiais e no tédio próprio da não realização humana de sua relação, mesmo com o que há de mais avançado no aparato tecnológico, têm-se as situações de extrema pobreza e carência de bens materiais e de ambientes tão restritos em termos de espaço e quase inóspitos para a convivência humana.

Em ambos os casos, independente dos estratos sociais aos quais pertencem as famílias, a falsidade ou falta de tempo livre para a convivência escancaram a nossa inabilidade para a relação humana. Tal relação, escamoteada pelas longas e extenuantes jornadas de trabalho, agora comparece como exigência para a contenção da pandemia de Covid-19. Diante disso, poder-se-ia questionar: a humanidade estava em uma “pandemia” de trabalho e na quase absoluta inexistência de relação social além do trabalho alienado próprio da sociedade capitalista? O mercado é capaz de regular toda a vida, como outrora foi propagado?

Em adição ao referido quadro complexo e multifacetado, uma nova pandemia tem aumentado sobremaneira diante do contexto da infecção viral: é uma “pandemia” no que tange aos aspectos psicossociais no campo da saúde mental dos indivíduos. A nova onda da pandemia de Covid-19 tem se constituído no adoecimento psicossocial oriundo de múltiplas determinações expostas aqui anteriormente.

Um dos locais de cuidado em saúde onde se pode evidenciar essa “pandemia” de adoecimento psicossocial, no caso do Brasil, são os Centros de Atenção Psicossocial<sup>9</sup> (CAPS). A disseminação da pandemia de Covid-19 tem desvelado o adoecimento psicossocial oriundo do aprofundamento da reificação<sup>10</sup> humana, que está vinculado à exacerbação crescente do individualismo como tendência nefasta do desenvolvimento histórico do capitalismo tardio.

Tal exacerbação do individualismo está ancorada em reflexão realizada por Marx, que afirma que, quanto mais se volta em uma linha histórica cronológica, mais gregário era o ser humano, e quanto mais se avança na história, mais individual o homem se torna (MARX, 2008). No liame da sociedade capitalista em que se estabelece a alienação como elemento fundamental da desumanização e embrutecimento do ser humano, ainda comparece, ao longo do desenvolvimento histórico do capitalismo, a reificação, tal qual Lukács cunhou essa nova categoria, oriunda do aprofundamento da alienação que tomou uma proporção ainda mais profunda da desumanização do ser humano (LUKÁCS, 2003).

Para Lukács (2003), somente com os estudos de Marx sobre a mercadoria é que são desvelados toda a organização produtiva da sociedade capitalista e o caráter fundamental do seu funcionamento. A partir desses estudos sobre a mercadoria, é possível descobrir, na estrutura mesma das relações mercantis, a base material de todas as formas de objetividade e as respectivas formas de subjetividade oriundas da sociedade capitalista (LUKÁCS, 2003).

No intuito de compreender o fenômeno da reificação, Lukács (2003, p. 194-195) afirma que o seu objetivo

[...] é somente chamar a atenção – *pressupondo* as análises econômicas de Marx – para aqueles problemas fundamentais que resultam do caráter fetichista da mercadoria como forma de objetividade, de um lado, e do comportamento do sujeito submetido a ela, de outro. Apenas quando compreendemos essa dualidade conseguimos ter uma visão clara dos problemas ideológicos do capitalismo e do seu declínio. [...]. O que importa *aqui* é saber em que medida a troca de mercadorias e suas conseqüências estruturais são capazes de influenciar *toda* a vida exterior e interior da sociedade. (Grifos do autor).

Diante disso, pode-se afirmar que o fenômeno do *fetichismo* é o processo que concede

9 O CAPS, que é uma sigla para Centro de Atenção Psicossocial, é resultado de um longo processo histórico de embates no campo da psiquiatria e saúde mental em todo o globo e de reformas nos sistemas de atenção em saúde mental no Brasil. Mais detalhes sobre este serviço e sua dinâmica, ver em Pinto (2016).

10 A reificação é a categoria lógica e histórica mais desenvolvida concernente à consciência cindida. A indústria cultural e a semiformação comparecem como mecanismos socioculturais e ideológicos de dominação que aprofundam a reificação. Mais detalhes, ver em Lukács (2003), Adorno e Horkheimer (1985) e Adorno (2005).

à mercadoria um produto do trabalho humano, vida própria. Tal processo se realiza porque os valores de troca sobrepõem-se aos valores de uso e passam a determinar as relações humanas, ou seja, os homens perdem o controle de suas criações. A produção domina o homem e não o homem domina a produção. Do aprofundamento do fetichismo e das relações fetichistas daí oriundos é desenvolvida a base material da reificação do ser humano.

Assim, a *reificação* é o processo de coisificação do ser humano, pois o indivíduo, visto e reconhecido unicamente como força de trabalho, é transformado em mais uma mercadoria da sociedade das mercadorias. Em suma, a coisa é descoisificada e se humaniza e o ser humano é desumanizado e coisificado.

Portanto, a mercadoria se expressa como categoria universal do ser social da sociedade do capital. A reificação, surgida sob a égide desta particularidade histórica, adquire importância central nos processos de objetivação e subjetivação, que têm efeito direto naquilo que Lukács denomina de atitude. Tal atitude é subsumida da consciência do ser social da sociedade do capital para se compreender este processo de reificação ou se posicionar contrariamente aos seus efeitos nefastos e tentar ser livre da servidão da “segunda natureza”, que é oriunda desse modo de produção.

Para Lukács (2003, p. 199-200), a reificação pode ser concebida objetiva e subjetivamente,

[...] quando surge um mundo de coisas acabadas e de relações entre coisas (o mundo das mercadorias e de sua circulação no mercado), cujas leis, embora se tornem gradualmente conhecidas pelos homens, mesmo nesse caso, uma influência transformadora sobre o processo real por meio da atividade. Subjetivamente, numa economia mercantil desenvolvida, quando a atividade do homem se objetiva em relação a ele, torna-se uma mercadoria que é submetida à objetividade estranha aos homens, leis sociais naturais, e deve executar seus movimentos de maneira tão independente dos homens como qualquer bem destinado à satisfação de necessidades que se tornou artigo de consumo.

A partir da concepção de Lukács (2003), que considera e assim demonstra as dimensões objetiva e subjetiva da reificação, pode-se depreender que o sujeito objetificado só é reconhecido, de forma utilitarista evidentemente, como força de trabalho à venda para ampliação da riqueza da burguesia. Cabe dizer que esse tipo de reconhecimento e a própria força de trabalho são, na lógica do capital, uma mercadoria, o que influi no processo de coisificação do ser humano (LUKÁCS, 2003).

Destarte, tal reflexão sobre o adoecimento psicossocial também encontra ressonância nas múltiplas formas de dominação oriundas da indústria cultural como mecanismo sociocultural de padronização das consciências. Nesse sentido, sob o prisma dos mecanismos socioculturais de dominação do mundo administrado, a indústria cultural tem como propósito central submeter todos os setores da cultura a este fim último, qual seja:

[...] ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noitinha, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia, essa subsunção realiza ironicamente o conceito da cultura unitária que os filósofos da personalidade opunham à massificação. (LUKÁCS, 2003, p. 200).

Pode-se compreender, a partir do excerto acima, que a indústria cultural é um mecanismo ideológico de dominação que perpassa toda a totalidade temporal e atemporal da cultura do seu tempo. Isso se dá a partir do aprofundamento de movimentos da ordem do universo objetivo e subjetivo, que lutam com todas as forças para manutenção da barbárie e da dominação diante da particularidade histórica do capitalismo tardio.

Sobre a barbárie, Adorno (1995, p. 155) afirma:

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente

disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade.

Contraditoriamente, nota-se que a indústria cultural aprofunda o fenômeno da diferenciação dos indivíduos e, ao mesmo tempo, da padronização desses mesmos indivíduos. No entanto, essencialmente, trata-se de uma individualidade padronizada e de uma falsa coletividade amalgamada aprofundando o fenômeno da reificação, tal como foi visto aqui anteriormente em Lukács. Dessa forma,

[...] a indústria cultural, o mais inflexível de todos os estilos, revela-se justamente como a meta do liberalismo, ao qual se censura a falta de estilo. Não somente suas categorias e conteúdos são provenientes da esfera liberal, tanto do naturalismo domesticado quanto da opereta e da revista: as modernas companhias culturais são o lugar econômico onde ainda sobrevive, juntamente com os correspondentes tipos de empresários, uma parte da esfera de circulação já em processo de desagregação. [...]. Quem resiste só pode sobreviver integrando-se. [...] Não é à toa que o sistema da indústria cultural provém dos países industriais liberais, e é neles que triunfam todos os seus meios característicos, sobretudo o cinema, o rádio, o jazz e as revistas. É verdade que seu projecto teve origem nas leis universais do capital. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 63).

Devido ao caráter totalitário do espectro de ação da indústria cultural, que se aprofundou nos diferentes tempos da vida em sociedade, os indivíduos são mantidos tão entranhados em suas tramas de corpo e alma que dificilmente apresentam qualquer sinal de resistência diante do que lhe é cotidianamente ofertado como produtos iguais para satisfação de necessidades igualadas (ADORNO; HORKHEIMER, 1947).

## Considerações Finais

Diante de tudo o que foi apresentado, é fundamental levantar elementos postos no intuito de sintetizar toda a reflexão aqui proposta. Nesse sentido, reitera-se que, durante o presente artigo, buscou-se constituir um percurso que tivesse como caminho precípuo as relações entre a educação, a (de)formação, as relações existentes com a pandemia de Covid-19 e demais aspectos que explicitam o cenário funesto que se põe no atual momento histórico.

Abre-se, portanto, o profícuo debate acadêmico em campos de reflexão e entendimento de tal temática, em contraposição à cristalização de estratégias típicas dos modelos de saber dominantes, que somente impulsionam uma adaptação ao existente e o acirramento da barbárie em suas múltiplas dimensões.

Em tais termos, cabe afirmar, primeiramente, que o silêncio como barbárie no contexto da pandemia é oriundo da frieza própria da pseudorelação do ser humano com o outro e com o mundo, no sentido de uma verdadeira e efetiva formação na direção da autonomia no sentido kantiano. Como o que predomina é a *Halbbildung*, conforme exposto aqui, a deformação tem sido a tônica calcada na produção da vida e reverberada na ideologização do existente, que esvazia o real de sentido, significado e reflexividade, em nome do obscurantismo e da prevalência da ignorância em todas as dimensões da vida social.

Um segundo aspecto é que, de modo ambivalente e contraditório, comparece a barbárie na polifonia dos múltiplos discursos e no diálogo de surdos daí oriundo. As bolhas informacionais digitais em que os sujeitos (objetos?) são submetidos, seja por determinações sociais de força maior de ajustamento social ao existente, seja por escolha fundada na ignorância, culminam em um cenário catastrófico em que os homicídios simbólicos e a pilha de mortos real oriunda da pandemia ocorrem nas trocas mais violentas de comunicação, negligência, negação do outro e insensibilidade, que obliteram possibilidades emancipatórias.

No entanto, mesmo diante de tal contexto nefasto descortinado pela pandemia de Covid-19, parece existir alguma luz que, potencialmente, pode ser trazida em meio à escuridão do eclipse da razão. Por mais trágico que possa se afirmar isso, a explicitação e o desvelamento de teses e práticas hediondas da lógica do capital e do mundo administrado, calcado nos múltiplos mecanismos de dominação da indústria cultural, alertam a humanidade sobre a profunda ignorância a qual submete a si mesma. Especialmente, os indivíduos mais subalternizados (maioria absoluta da humanidade) são afetados pela forma fascista e autoritária de dominação oriunda de qualquer concepção ideológica que urge ser superada.

Mesmo que a pandemia de Covid-19 não seja o golpe de misericórdia a toda a teia de dominação, proveniente da produção da vida e que irradia sob as mais distintas dimensões da vida social e individual, a sua explicitação e desvelamento lançam luzes para novos caminhos que possam ser trilhados. Evidentemente, não se trata de romantizar a pandemia de SARS-COV-2 em seu “lado positivo”, tampouco perder de vista as perdas humanas e socioambientais irreparáveis dela advindas, mas de perceber que o mundo reage ao modelo nefasto pelo qual a humanidade acredita que pode conduzir o planeta.

O CAPS i Girassol tem sido local de (des)encontros que ostenta, no concreto, as múltiplas determinações psicossociais de adoecimento do ser humano na infância e adolescência. O adoecimento revela a face, até então ocultada, de um normal tão difundido pelas padronizações próprias do modelo totalitário e fascista administrado pela indústria cultural. A superação do adoecimento psicossocial impõe a superação das condições objetivas e subjetivas que o ocasiona na direção da formação de uma consciência verdadeira (ADORNO, 2005). A formação de uma consciência verdadeira não implica uma dimensão subjetivista, mas daquela própria do giro copernicano<sup>11</sup>, necessária como imperativo categórico na direção de um verdadeiro processo de emancipação.

A emancipação, em qualquer modelo de sociedade que tenha a dominação como fundamento, é oriunda da resistência, que não é emancipação plena, mas a emancipação possível, ainda mesmo que inicialmente na consciência. Tal horizonte de emancipação radical só será alcançado por meio de rupturas nas condições objetivas da existência, em sua infraestrutura, que apresentam sua primazia. Porém, tem na tensão dialética com as condições subjetivas, em sua superestrutura, a direção da construção e materialização (não perdendo a tensão necessária entre imanência e transcendência) para a superação da barbárie e da dominação em suas múltiplas dimensões, no caminho para a autonomia e emancipação humana.

## Referências

ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.

ADORNO, T. **Palavras e sinais – modelos críticos**. Petrópolis: Vozes, 1995b.

ADORNO, T. **Sociologia**. Gabriel Cohn (org.) e Florestan Fernandes (coord.). São Paulo: Ática, 1986.

ADORNO, T. **Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada**. Tradução: Luiz Eduardo Bicca; revisão da trad. de Guido de Almeida. São Paulo: Ática, 1993.

<sup>11</sup> A volta ao sujeito ao seu contrário, tal como afirma Adorno (2005), no movimento próprio da autorreflexão crítica.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. Tradução do alemão de Renato Zwick; Revisão e prefácio de Renata Cromberg; Ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Souza. São Paulo: L& PM Pocket, 2003.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu (1920 – 1923)**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. [s. l.]: [s. n.], 1947. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?> Acesso em: 13 jul. 2020.

JAY, M. **A imaginação dialética**: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. **O Capital. Livro I**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, K. Introdução à contribuição à economia política. In: \_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da economia política**. Lisboa: Estampa, 1973. p. 237-272.

MARX, K. **O Capital**: crítica à economia política. Tradução: Reginaldo Sant'Anna. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1980. V. I.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução: Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1976.2 v.

NEUVALD, L.; GUILHERMETI, P. A semiformação no curso de Pedagogia: uma reflexão introdutória. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO - CONFLUÊNCIAS, 2, 2006, Santa Maria. **Anais [...]** Santa Maria: Facos, 2006. Disponível em: <https://document.onl/documents/a-semiformacao-no-curso-de-formativa-no-curso-de-pedagogia-faz-se-necessario.html>. Acesso em: 16 ago. 2020.

PINTO, Rômulo Fabriciano Gonzaga. **As contribuições da educação crítica para a emancipação do sujeito toxicômano**. 2016. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

ZANOLLA, Sílvia Rosa da Silva. Teoria crítica e educação: considerações acerca do conceito de práxis. **Revista Educativa**, Goiânia: UCG, v.5, n.1, p. 107-118, jan./jun. 2002.

Recebido em: 29 de outubro de 2020.

Aceito em: 07 de março de 2022.